



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **Jornalismo cidadão, uma forma de “desmediação” que reforça processos identitários e de visibilidade - Estudo dos casos Viva Favela e Índios Online**

Raquel Gomes de Oliveira  
Luciana de Fátima Pinto Santos

### **1. Introdução**

Este trabalho se pauta na reflexão sobre jornalismo cidadão e sua característica de eliminar ou reduzir o papel do jornalista profissional em detrimento da produção realizada pelo cidadão. A proposta é averiguar se esse processo de produção de conteúdo pode reforçar a identidade de comunidades e sua visibilidade na sociedade.

Desde que o jornalismo passou a ocupar sites na Internet, uma série de definições e variações<sup>1</sup> surgiu para esse novo ramo da comunicação que atua com maior proximidade do usuário. Embora haja diferenças específicas nos diversos termos, este trabalho visa ter claro que com a evolução da Internet e os constantes avanços das tecnologias, o uso que se passou a fazer do jornalismo desencadeou uma reformulação necessária dos modos de fazer e transmitir notícia transformando o usuário em agente atuante no processo de produção da notícia.

Para Glaser (2006) a idéia por trás do jornalismo cidadão é a de que pessoas sem formação profissional em jornalismo podem utilizar as ferramentas da tecnologia moderna e a distribuição global da Internet para criar, ampliar ou verificar um fato da mídia por conta própria ou com a colaboração de outros. Nip (2006) corrobora afirmando que o potencial da Internet para o avanço da democracia tem atraído muitos estudos, porém ainda não foi muito estudado como especificamente organizações de notícias *online* podem desempenhar um papel na democracia.

Pelo fato do jornalismo cidadão propiciar a democratização da comunicação é fácil interpretar que este tipo de jornalismo tem uma forma mais pró-cívica do que o jornalismo tradicional e seria desta forma mais democrático porque possibilita uma maior participação do cidadão, porém o conceito da horizontalização da participação, quanto mais gente participando mais democracia, é uma idéia rasa de democracia.

---

<sup>1</sup> Só para citar alguns termos: jornalismo digital, web jornalismo, jornalismo online, ciber jornalismo, jornalismo multimedia.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Por isso é importante conhecer se as iniciativas de jornalismo cidadão podem de algum modo promover o aumento do poder civil, reforçar uma sociedade de direitos e liberdades, e aumentar o pluralismo e o poder das minorias, propósitos importantes para uma iniciativa digital, democraticamente relevante (Gomes, 2010).

Escolheu-se como objeto empírico dois estudos de casos de jornalismo cidadão consolidados em mais de cinco anos e que vêm ganhando visibilidade. O Viva Favela<sup>2</sup> é portal criado pela ONG carioca Viva Rio<sup>3</sup>, que publica conteúdo produzido por pessoas de comunidades de baixa renda. A outra experiência se direciona a uma minoria negligenciada pelas autoridades, o portal Índios Online<sup>4</sup> é o espaço virtual de várias comunidades indígenas do Brasil, inicialmente administrado pela ONG Thydêwá, situada na Bahia.

Para se estabelecer possíveis comparações, indicadoras de processos identitários e da visibilidade dos projetos, apresentamos brevemente cada caso, identificamos as organizações e parcerias que possibilitam cada projeto, observamos os conteúdos produzidos e suas repercussões, assim como a participação e capacitação dos jornalistas cidadãos, a utilização de fóruns e redes sociais e a existência, ou não de jornalistas profissionais mediando à publicação dos conteúdos.

## **2. Jornalismo cidadão: a possibilidade de um fluxo de comunicação democrático**

A opção pelo uso da expressão jornalismo cidadão se deve à amplitude de sua difusão e também por ser a que melhor se aplica ao trato dos sites analisados. É um termo que ganhou valor pelo uso e que designa, assim, apenas uma parte do fenômeno do novo jornalismo web.

Desta maneira é importante refletirmos sobre a polêmica que gira em torno do termo e como tal fenômeno pode possibilitar um fluxo de comunicação democrático. A bibliografia não estabelece um marco para o nascimento do jornalismo cidadão, que

---

<sup>2</sup> <http://www.vivafavela.com.br/>

<sup>3</sup> Viva Rio é uma ONG engajada no trabalho de campo, na pesquisa e na formulação de políticas públicas com o objetivo de promover a cultura de paz e o desenvolvimento social. Fundado em dezembro de 1993, por representantes de vários setores da sociedade civil, como resposta à crescente violência no Rio de Janeiro.

<sup>4</sup> <http://www.indiosonline.org.br/novo/>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

ganhou adesão em diversas partes do mundo, simultaneamente, a partir de 2000. Dan Gilmore (2010) discute como deveriam chamar esses novos criadores de meios. Alega que o termo jornalismo cidadão surgiu num momento de escassez, quando havia relativamente poucos que desempenhavam esse papel. O autor coloca a questão que, enquanto os meios digitais se tornam onipresentes e cada vez mais pessoas se comunicam e colaboram *online*, cada um é capaz de fazer algo que tenha valor jornalístico e relativamente poucas destas pessoas se imaginam como jornalistas.

Por outro lado, David Rosman (2010) mantém a opinião que com a prática regular, os colaboradores não remunerados, os jornalistas cidadãos, também devem ser considerados "profissionais" se eles cumprem as normas exigidas pelos órgãos de imprensa reconhecidos. Sob esta perspectiva, se um indivíduo for preparado para o ofício, e for se desenvolvendo e se aprimorando em tal atividade ele poderá ser considerado um jornalista cidadão.

Mais do que entender jornalismo cidadão como um conceito, podemos percebê-lo como um fenômeno atual presente na Internet que disputa espaço, ou no melhor dos casos, se alia à mídia tradicional, composta por profissionais de jornalismo. Cabe então pensar que o indivíduo em sua dimensão sócio-política, ou seja, em seu status de cidadão dotado de direitos e deveres de um sistema democrático, utiliza as ferramentas do jornalismo digital para criar, produzir e distribuir conteúdo que vise aos interesses de uma comunidade.

Com Web 2.0, o ambiente conversacional entre usuários e meios de comunicação numa esfera horizontal, faz com que o jornalismo cidadão traga a idéia de “poder” e ganhos para a democracia. O que beneficiaria a idéia que “existe um público, uma esfera de cidadania, que precisa encontrar canais livres de manifestação para fazer-se valer ante o Estado e à sociedade. A liberdade dos canais de expressão seria, portanto, condição para a satisfação da soberania” (Gomes, 2009:72). O jornalismo *online* que abre espaço para a participação poderia trazer esses canais de manifestação através dos fóruns, comentários em notícias e blogs ou através do envio de notícias e conteúdos produzidos pelos próprios cidadãos. O jornalismo cidadão possibilitaria canais de comunicação ainda mais contundentes para a livre manifestação da sociedade já que são independentes das políticas e interesses que regem as mídias tradicionais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

É preciso lembrar por outro lado, que iniciativas de jornalismo cidadão apesar de ser um campo fértil de manifestação podem em determinados casos não ser necessariamente um canal de comunicação de jornalismo, já que a idéia de jornalismo traz o compromisso com a neutralidade, a objetividade e a imparcialidade. Embora saibamos da dificuldade de encontrar esses critérios mesmo no jornalismo tradicional.

Para Adghirni (2005) “O campo jornalístico é importante no mundo social porque detém um monopólio real sobre os instrumentos de produção e de difusão em grande escala dos acontecimentos suscetíveis de influenciar os demais campos.” A afirmação acima perde valor dentro do contexto da Web 2.0, onde as empresas jornalísticas não possuem mais o monopólio, os cidadãos criaram suas próprias mídias e acabam por interferir nas pautas da mídia convencional. A questão passa ser se as mídias sociais, sem os meios de comunicação de massa, conseguem produzir e difundir em grande escala os acontecimentos suscetíveis de influenciar os demais campos e desempenhar um papel importante na democracia.

### **3. Identidade coletiva e visibilidade**

Dois aspectos se entrelaçam e devem ser levados à discussão em este artigo: a idéia de identidade, com recorte específico para a identidade coletiva, e a visibilidade. A reflexão gira em torno da relação desses termos e o jornalismo cidadão nos casos que vem sendo estudados. Em cada grupo social sempre existem inúmeras identidades constituídas que se agrupam nas chamadas comunidades de interesses, a partir de opções e características dos indivíduos que os compõem.

Assim, entendemos que identidade coletiva é a interação e partilha de um processo de recursos simbólicos e práticos, em que indivíduos se unem para formação de uma identidade coletiva. Este processo envolve o compartilhamento cognitivo de definições como linguagem e rituais, redes de atividades de relacionamento entre indivíduos e um acordo emocional de pessoas capazes de sentir parte de uma unidade comum. As redes sociais jogam importante papel na definição de regras do senso de unidade e alteridade “nós/eles”. (Melucci,1995).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A identidade coletiva existe em três níveis. Primeiro a identidade coletiva do grupo, depois identidades que se forma em sub-grupos que compõem o grupo, e por fim, a identidade de indivíduos que se relacionam com outros indivíduos desse grupo.

Por exemplo, em Índios Online há a identidade étnica maior, enquanto indígenas, ademais das especificidades de cada povo e os interesses que levam cada índio a participar do projeto. No caso desse grupo, trata-se de uma identidade nata, ou seja, não escolhida, mas definida por sua ancestralidade. Já em Viva Favela a identidade que nos interessa está ligada à condição de classe social, e por isso mesmo está em outro contexto e assume um caráter da possibilidade de não constância. Ou seja: pode ser variável, transitória, de acordo com a trajetória sócio-política e econômica desses grupos, sem que outras identidades sejam afirmadas ou transformadas no mesmo ritmo, ou como consequência.

A nosso ver, o grande mérito comum do jornalismo cidadão nos dois portais analisados, no campo da contribuição para uma vivência democrática mais ampla e a visibilidade das identidades dessas populações, está em contribuir para quebra de estereótipos e paradigmas, construídos muitas vezes pelos veículos de comunicação de massa e assimilados pelo senso comum. Ao mesmo tempo o jornalismo cidadão pode fortalecer-lhes a auto-estima, à medida que ganham voz e consolidam sua autonomia em espaços públicos de expressão do livre pensar.

Não raro são atribuídos às populações indígenas adjetivos que lhes desqualificam como seres humanos. Consideradas acomodadas, atrasadas em que pese o desenvolvimento da sociedade “não-indígena”. Já no caso daquelas pessoas e grupos que vivem ou trabalham em comunidades de baixa renda, a esses são associadas idéias racistas e violentas, entre tantos outros aspectos que também lhes discriminam.

As iniciativas de ressignificação dessas imagens têm a Internet como grande aliada e o jornalismo cidadão surge como algo que soma a práticas dessa natureza. Assim, nos dois casos o jornalismo cidadão cumpre um papel de “chamar atenção pública para determinados problemas, para então, tentar redefini-los, i.e., proporcionar a eles entendimentos alternativos que venham a informar o debate público. (Maya, 2008: 185)”

É evidente que sabemos que as dinâmicas de cada iniciativa são mutáveis, e como apresentaremos no decorrer do texto, estão submetidas a variáveis distintas,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

partindo desde a força das parcerias estabelecidas, credibilidade, acesso a recursos, passando pelo potencial de engajamento dos temas trabalhados e o quanto eles podem sensibilizar a sociedade em geral, o que, indiscutivelmente também passa pela qualidade do material que é disponibilizado nos portais e do aproveitamento dessa ferramenta como instrumental de fortalecimento da democracia.

#### **4. Apresentação dos estudos de casos**

##### **4.1 Viva Favela**

Criado em julho de 2001, o Viva Favela é o primeiro site brasileiro dedicado a tratar exclusivamente de assuntos de interesse da população de baixa renda e oferece ao internauta acesso a serviços, produtos e informações voltadas a sua realidade social, como: oportunidades de emprego, diversão, cultura, esportes, saúde, educação e noticiário.

Em abril de 2010, o site deu mais um passo rumo à integração digital das periferias em todo o país e inaugurou sua versão 2.0 ampliando a participação. A essência do portal é colaborativa permitindo às pessoas criarem contas, fazerem perfis, postarem conteúdo e votarem nos conteúdos preferidos.

Por meio de matérias escritas, fotos, vídeo e áudio, os cidadãos repórteres retratam o cotidiano de suas vidas em comunidades de baixa renda. Ao se cadastrar, o usuário poderá interagir com a publicação de conteúdo *online*, além de participar das reuniões de pauta em um fórum especializado. O espaço especial dos correspondentes é chamado de Redação Virtual. Neste espaço os correspondentes produzem a Revista Comunidade Viva, supervisionados por uma equipe de profissionais do meio da comunicação. É um processo em que os correspondentes aprendem a fazer um produto de comunicação, ao mesmo tempo em que atuam na definição de conteúdo, de sua elaboração e edição.

Viva Favela é um portal que vem acumulando prêmios<sup>5</sup> e inspirou dois livros que contribuem para visibilidade do projeto<sup>6</sup>. A distribuição de notícias sobre o projeto

---

<sup>5</sup> Recebeu os prêmios Documentary Photography Project Distribution Grant (Open Society Institute, Nova York), em 2005; Stockholm Challenge Award (Diploma por Excelência no uso das TICs para o Desenvolvimento, entregue em Estocolmo), em 2008; e Prêmio Pontos de Mídia Livre (Ministério da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

e alguns dos conteúdos produzidos no site se dá por RSS, Twitter<sup>7</sup>, Facebook<sup>8</sup>, Orkut<sup>9</sup> e canal no YouTube<sup>10</sup>. Viva Favela possui uma grande estrutura de apoio ao projeto e ao longo de sua história o tem cultivado uma extensa rede de parceiros<sup>11</sup>, possibilitando o crescimento e ampliação da visibilidade do projeto. Os parceiros podem ser financiadores, de intercâmbio tecnológico e metodológico, além de parcerias na área de formação e de mídia – troca ou reprodução/divulgação de conteúdos – e parcerias culturais.

#### 4.2 Índios Online

A rede Índios Online é uma iniciativa de fomento à inclusão digital que existe desde 2004, que possibilitou a conexão de Internet, a compra de computadores e a criação do site promovendo informação e comunicação entre sete nações indígenas<sup>12</sup>.

A rede Índios Online tem como objetivos facilitar o acesso à informação e comunicação para diferentes populações indígenas, estimular o diálogo intercultural, possibilitar aos próprios índios a pesquisa e o estudo das culturas indígenas, resgatar,

---

Cultura – Programa Cultura Viva), em 2009, pelo pioneirismo de sua proposta e pela competência dos repórteres das comunidades em mostrar as dificuldades e as vitórias que compartilham nos becos e vielas do Brasil.

<sup>6</sup> O livro Viva Favela (2009) reúne uma seleção de cerca de 50 imagens do acervo de quase 50 mil fotografias de favelas cariocas produzidas desde 2001 por correspondentes comunitários do portal Viva Favela. O segundo livro tem o mesmo nome, mas traz subtítulo em francês “*VIVA FAVELA! – Quand les démunis prennent leur destin en main*”<sup>6</sup> apresenta o projeto e foi lançado na França, em 2009.

<sup>7</sup> <http://twitter.com/vivafavela>

<sup>8</sup> <http://www.facebook.com/pages/Viva-Favela/110787784145>

<sup>9</sup> <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=33684890>

<sup>10</sup> <http://www.youtube.com/user/vivafavela>

<sup>11</sup> **Parceiros financiadores (atuais):** Petrobrás, Ministério da Cultura/Lei de Incentivo à Cultura/ Programa Cultura Viva, apoio da igreja norueguesa - AIN/OD\*. **Parceiros financiadores (fundadores):** UNESCO e GLOBO.COM. **Parcerias de intercâmbio tecnológico e metodológico:** Instituto Overmundo, Pirá Digital, Serpro, Elluminate\*, Pontão de Cultura Digital Circo Voador, Pontão da Eco, Alliance for Youth Movements\*. **Parcerias na área de formação:** Escola de cinema Darcy Ribeiro, Observatório de favelas/ escola de fotógrafos populares da Maré, Instituto Overmundo, Ponto de Cultura o som das comunidades, Pontão de Cultura Digital Circo Voador, Pontão da Eco, Ponto de cultura fazendo a diferença em paquetá, The new school (New York)\*, Coaxo do Brejo. **Parcerias de mídia - troca ou reprodução/divulgação de conteúdo:** Jornal Expresso, Tv Morrinho/ Projeto Morrinho, Imagem do Povo. **Parcerias culturais:** The Ghetto Film School (New York)\*, Lentes dos Sonhos. **Parceiros internacionais:** Viva Favela também promove um intercambio cultural mantendo desde seu lançamento uma parceria com o professor de Mídia e Direitos Humanos Peter Lucas, da New York University e The New School, nos EUA. Todos os anos o projeto recebe estudantes de Nova York que atuam como voluntários no Rio de Janeiro.

<sup>12</sup> Kiriri, Tupinambá, Pataxó-Hãhãhãe, Tumbalalá na Bahia, Xucuru-Kariri, Kariri-Xocó em Alagoas e os Pankararu em Pernambuco.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

preservar, atualizar, valorizar e projetar as culturas indígenas, promover o respeito pelas diferenças, conhecer e refletir sobre o índio atual a partir da disponibilização na Internet de arquivos (textos, fotos, vídeos), além de complementar e enriquecer os processos de educação escolar diferenciada multicultural indígena e qualificar índios de diferentes etnias para melhor garantir seus direitos.

Em 2005 Índios Online se tornou um *Ponto de Cultura* com a parceria do Ministério da Cultura, e em 2007 houve a ampliação da rede com mais 04 novos povos indígenas. Em 2006 deram o primeiro passo para a autonomia da rede, com a eleição de um coordenador indígena.

Em 2008 a rede Índios Online recebeu diversos prêmios<sup>13</sup> e em 2009 iniciou o programa “Celulares Indígenas”, que distribuiu 60 aparelhos celulares, para indígenas, de 24 etnias indígenas do Brasil inteiro visando à pluralidade da rede e capacitando-os para utilizarem o dispositivo móvel, como ferramenta de promoção à diversidade cultural, justiça social e cultura da paz. Com total autonomia, os índios publicam e compartilham opiniões, através de vídeos, fotos e textos no site Índios Online e no canal do YouTube<sup>14</sup>. Também é possível acompanhar o portal através do Twitter<sup>15</sup>.

Índios Online é uma rede autônoma gestada pelos próprios índios, que nasceu como um projeto coordenado pela ONG Thydewa, que atua hoje como parceira dessa iniciativa, juntamente com outras entidades<sup>16</sup>. Atualmente, estabeleceu uma gestão compartilhada, visando à expansão da rede. Nessa, todos os indígenas a que integram têm a mesma importância nas decisões, extinguindo assim a presença de um único coordenador, e dando oportunidade a oito indígenas de diferentes povos gerenciarem a rede de forma plural. Nos últimos seis anos, o projeto contou com a participação de cerca de 500 indígenas de 25 etnias.

---

<sup>13</sup> Prêmio AREDE 2008, Momento Editorial. Semifinalistas do Prêmio Experiências de Inovação Social 2008 da Fundação W.K.Kellogg e CEPAL. Prêmio LUDICIDADE do Ministério da Cultura 2008, pelo trabalho com a juventude. Prêmio Top Social 2008 (ADVB/BA ABAP/BA e ACB).

<sup>14</sup> <http://www.youtube.com/user/indiosonline>

<sup>15</sup> <http://twitter.com/indiosonline>

<sup>16</sup> Índios Online tem parceria com a ONG Thydêwá, o Ministério da Cultura (programa Cultura Viva), o Ministério das Comunicações (através do GESAC), o Instituto Oi Futuro e a Secretaria de Ciência e Tecnologia e Inovação do Estado da Bahia (SECTI).



## 5. Comparação dos casos

### 5.1 Parcerias e apoios

Ambos os projetos surgiram pela iniciativa de organizações não governamentais, mas cresceram graças ao apoio, muitas vezes decisivo de instituições privadas e do Governo federal. As duas iniciativas são *pontos de cultura* selecionados via edital público, com o intuito de resgatar, preservar, fomentar e divulgar manifestações culturais das diversas regiões do país.

, De acordo com a pesquisadora americana Esther Thorson apesar das atividades de mídias cidadãs continuarem se expandindo, o maior impedimento para o sucesso do jornalismo cidadão é que os sites não têm o apoio financeiro de fundações, do trabalho de jornalistas profissionais, ou alguns *links* com suporte nas mídias tradicionais. Geralmente são alimentados apenas por motivação pessoal e quando isso desaparece, desaparece o site<sup>17</sup>.

Se o fluxo de recursos financeiros recebidos não suprir os custos e não gerar um excedente que permita melhorar a estrutura, cobrir as inevitáveis falhas mecânicas e a obsolescência tecnológica, o projeto redundará em fracasso. De acordo com essa visão, as iniciativas devem buscar atender tais responsabilidades, seja através de trabalho voluntário, acesso a recursos públicos e privados, ou com ajuda comunitária, prevendo despesas com estrutura e manutenção, e distribuindo tarefas entre os responsáveis pela administração do site. Para a consolidação, manutenção e extensão de tais iniciativas é preciso envolver diferentes âmbitos da sociedade, assim a iniciativa pode ter mais chance de contribuir para o fortalecimento da democracia, e ganhar visibilidade através do pluralismo de vozes que se incorporam no ecossistema dos meios.

É notável a diferença entre Índios Online e Viva Favela ao que se refere aos apoios e parcerias, a repercussão na estrutura do portal e também na visibilidade das iniciativas. Viva Favela, com muito mais apoio e parcerias que Índios Online, produz um portal de melhor qualidade, com mais informação e conteúdos diversificados e a presença em mais mídias sociais.

---

<sup>17</sup> The State of New Media.

[http://www.stateofthemedial.org/2010/specialreports\\_community\\_journalism.php](http://www.stateofthemedial.org/2010/specialreports_community_journalism.php)



## 5.2 Representação social

A questão identitária das comunidades<sup>18</sup> merece uma reflexão mais profunda, principalmente porque há uma diferença imensa entre uma condição étnica e uma situação econômica e social. O que nos interessa neste momento é perceber os portais como oportunidade de um canal livre de comunicação de auto-representação dessas minorias. Desta maneira, os casos estudados encontram na Internet a oportunidade de mudar a imagem que a sociedade tem dessas populações - construída através das representações que sempre foram feitas através das mídias de massas. No caso do portal Viva Favela, por exemplo, divulgar que a favela não é um lugar onde só há violência e tráfico, imagem que é normalmente retratada nos jornais, novelas e cinema. Em Índios Online, mostrar que os indígenas também são pessoas que estão inseridas na sociedade como profissionais de diversas categorias e que lutam por preservar sua cultura, tradição e terras.

É a oportunidade dos membros dessas comunidades de serem representados por eles mesmos, através do material que enviam ao site sobre suas comunidades, seja através de texto, vídeo ou áudio e discutir sobre os problemas e a cultura desses lugares, além de somar vozes ao se conectar com realidades parecidas.

## 5.3 Atuando como jornalistas cidadãos

Os portais estudados com notícias de interesse das comunidades, feito por pessoas dessas comunidades (em sua maioria) refletem a idéia de jornalismo cidadão, porém as pessoas que participam e contribuem com conteúdos para esses sites não estão preocupadas se o que elas fazem é jornalismo ou não. Elas querem contar suas histórias, dizer o que se passa em sua comunidade e querem que sua própria linguagem e forma de narrar estejam na Internet. Neste artigo, a liberdade de expressão desses canais é ponto importante. Os portais como canais de livre comunicação e democratização da informação é a proposta clara do site Índios Online onde não há mediação de jornalistas

<sup>18</sup> Ver SOUZA LEAL, B. A comunidade com projeto identitário. P.183-192. In: MAIA, R. C. M.; CASTRO, M. C. P. E. (Ed.). *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.



profissionais para a publicação de conteúdo. São os próprios índios os responsáveis pelo material produzido e publicado no portal.

Diferentemente, Viva Favela possui um editor de conteúdo, um jornalista profissional que cuida do que deve ou não ser publicado. Os critérios são simples, os temas dos conteúdos precisam estar relacionados com as comunidades de baixa renda e seguir a política editorial do site. O site abre espaço para denúncias, mas se forem contra instituições, grupos ou indivíduos é preciso garantir o direito de resposta e explica que "ouvir o outro lado" é uma regra básica do jornalismo ético, responsável e de qualidade, e também da democracia. Esses aspectos de publicação e participação estão inseridos nas normas de uso<sup>19</sup> do site, informação não encontrada no site Índios Online que apenas solicita o registro do usuário, exigência que também acontece em Viva Favela.

O editor de conteúdo de Viva Favela também responde pela edição dos textos e a correção ortográfica e gramatical. Por não haver jornalistas profissionais em Índios Online, os textos são disponibilizados da maneira como os índios se expressam. O que os deixa livres para escreverem o que e como quiserem. Comportamento que ao mesmo tempo beneficia a expressão e a construção de suas identidades, também pode fragilizar a compreensão para o leitor e não contribuir para uma ampla visibilidade do portal.

#### **5.4 Inclusão digital**

Fica claro que o maior propósito de Índios Online é a inclusão de índios de comunidades locais à "Aldeia Global" conectando as distintas e esparramadas comunidades indígenas remanescentes ainda no Brasil, para que juntas possam se mobilizar por seus direitos.

Outro aspecto importante a destacar sobre inclusão digital, no caso de Índios Online, é a proposta diferenciada que amplia a inclusão para a utilização de telefones celulares, possibilitando aos índios o acesso à Internet móvel.

Em ambas as iniciativas existem a preocupação de capacitar os usuários colaboradores através de oficinas em que possam aprender sobre produção de texto,

---

<sup>19</sup> <http://www.vivafavela.com.br/regras%20de%20uso>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

áudio, vídeo. No caso de Índios Online, a usar o telefone celular para se conectar a Rede e para produzir conteúdo audiovisual que pode ser publicado no portal e no canal do YouTube. Esse é um aspecto importante da inclusão digital, não basta só fornecer o acesso é preciso capacitar os cidadãos para o uso das TICs. O acesso à Internet é só o ponto de partida da inclusão digital, o desafio subsequente é a garantia de maior acesso à informação e à capacitação. O que no caso dos dois projetos contribui ainda para um processo mais amplo de inclusão social.

## 5.5 Política e democracia

O site Viva Favela é transparente na sua norma de uso que não tem vinculações partidárias, comerciais ou religiosas. Conteúdos que sejam considerados claramente de campanha eleitoral são excluídos do site, porém notícias políticas são publicadas e comentadas no portal.

Os temas de política estão presentes em ambos os portais, principalmente no que se refere ao interesse público dessas comunidades. No portal Índios Online as questões políticas são mais óbvias e se apresentam através de reivindicações, denúncias e discussões, que geram em alguns casos abaixo-assinados e mobilizações para manifestações, podendo resultar em visitas ao Congresso Nacional, ou o notável episódio de mobilização em que uma equipe da Funai (Fundação Nacional do Índio ) foi feita de refém pelo povo Potiguara. Tal notícia foi pouco publicada pelos os meios de comunicação de massa, porém foi noticiada por vários blogs e no portal Índios Online<sup>20</sup> como uma oportunidade de explicar o porquê desse ato.

Este é um exemplo de mobilização que trouxe resultado para as comunidades indígenas e em que o portal foi importante para sua organização, para a visibilidade do ato e para que os índios se expressassem/representassem sem a mediação das mídias convencionais. O êxito de tal ato foi devido ao fato que as comunidades indígenas envolvidas não precisavam da implicação da sociedade. Porém as mobilizações que necessitam de um maior envolvimento da sociedade nem sempre conseguem o resultado

---

<sup>20</sup>Ver notícia: <http://www.indiosonline.org.br/novo/povo-potiguara-faz-refens-funcionarios-da-funai-brasil/>



esperado. É o que acontece com os abaixo-assinados e petições frequentemente publicados no portal Índios Online, para os mais diferentes objetivos.

O portal é um canal para apresentar *links* de outros sites onde estão essas petições, algumas com páginas web melhores estruturadas que outras, e com resultados diferentes. A petição para salvar o rio Xingu e impedir a construção da hidrelétrica de Belo Monte<sup>21</sup>, tem um site próprio e possui *links* para o blog, a petição e a maioria das principais redes sociais (Facebook, Twitter, YouYube e Delicious). Porém, apesar de ter os *links* às redes sociais, pouco ou nenhum uso fazem dessas mídias

Exemplo ainda menos favorecido em mobilizar a sociedade foi o caso do abaixo-assinado contra a reestruturação da Funai<sup>22</sup> - presente em uma web específica de serviço público de disponibilização gratuita de abaixo-assinados - criado em 17 de janeiro de 2010, apesar de ter 1236 visualizações, que já é um número pequeno, o abaixo-assinado possuía o ínfimo número de 107 assinaturas<sup>23</sup>.

Por outro lado, Viva Favela trabalha com assuntos de interesse público gerais. Há muita informação importante para a comunidade, por exemplo, sobre temas de saúde, educação, além de divulgação de eventos sociais e culturais. Viva Favela também utiliza seu potencial para mobilizar pessoas como é possível constatar na notícia “Niterói pede socorro”<sup>24</sup>, para denunciar que cinco meses após as chuvas que castigaram a cidade, comunidades ainda corriam risco e pediam ajuda. A princípio com o acesso a informação e depois com o poder de mobilizar as pessoas esses sites contribuem para a democracia digital.

## 5.6 A participação nos *web sites*

Sobre a participação dos usuários em fóruns e comentários foi possível observar em Índios Online que os comentários nas notícias eram poucos e feitos principalmente pelos próprios índios. No chat, nas diversas vezes e em distintos horários analisados não

<sup>21</sup> <http://www.xinguvivo.org.br/>

<sup>22</sup> <http://www.abaixoassinado.org/abaixoassinados/5543>

<sup>23</sup> Informação do dia 09.05.2011.

<sup>24</sup> <http://www.vivafavela.com.br/materias/niter%C3%B3i-pede-socorro>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

havia ninguém. No site Viva Favela o fórum se restringe aos de pauta para a revista multimídia e com essa finalidade funciona bem.

Viva Favela incentiva três tipos de interação: a publicação de conteúdo, o comentário em qualquer desses conteúdos e a votação<sup>25</sup> dos conteúdos. É visível que os usuários interagem mais votando que comentando. Os comentários normalmente são poucos, e em muitas notícias e conteúdos nem há comentários. São em sua maioria, para elogiar os conteúdos publicados<sup>26</sup>.

É notável que o site Viva Favela em comparação a Índios Online consegue motivar a participação de um número maior de jornalistas cidadãos. As causas apontam para uma política administrativa e de comunicação mais aberta, um elevado número de parceiros (nacionais e internacionais), a atuação de profissionais da comunicação, jornalistas profissionais administrando o site, o trabalho conjunto entre profissionais e correspondentes das comunidades para elaboração de uma revista multimídia periódica e o suporte que a ONG Viva Rio oferece ao projeto.

Outro aspecto que também podemos inferir é que os temas abordados no Viva Favela têm maior interferência sobre o cotidiano da sociedade, de modo mais amplo. Enquanto isso, Índios Online, por buscar uma maior autonomia, opta por não estarem formalmente vinculados a uma ONG, apenas tê-la como parceira, e por não terem jornalistas profissionais, além de possuírem menos apoio, o que fica visível na estrutura do site que mostra também menos investimento.

## 6. Considerações finais

Através dos estudos foi possível perceber a potencialidade de contribuições que apontam ganhos significativos para o cidadão. São elas: a inclusão digital de vozes minoritárias, a disponibilização de informações de interesse da comunidade, a configuração de espaço de discussão (em certa medida) e interconexão entre cidadãos em condições semelhantes, a ampliação da visibilidade social desses grupos e o

<sup>25</sup> A página principal de Viva Favela mostra uma matéria, um vídeo, uma galeria de imagens e um áudio. Eles são selecionados eletronicamente com base no número de votos que receberam nos últimos dois dias.

<sup>26</sup> É importante dizer que além de conteúdos produzidos por pessoas de comunidades de baixa renda há vários estudantes ou formandos em comunicação que publicam conteúdos. O que de certo ponto, poderia aumentar a qualidade do material divulgado e a visibilidade do projeto



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

fortalecimento da organização de possíveis mobilizações dessas comunidades pelos seus direitos.

O que é notável nos sites observados é a oferta para seus usuários, concomitantemente, da possibilidade de se expressarem e se informarem. Através desses projetos se produzem conteúdo que se relacionam com sua vida, necessidades, desejos, problemas vividos na sua comunidade, temas que podem ser de interesse comum e que contribuem para a significação de suas diversas e complexas identidades. Unem-se a outros cidadãos com problemas parecidos e através da informação e da organização podem se mobilizar por determinadas causas, ademais de passarem a denunciar e reivindicar mais, conseguindo uma visibilidade que seria difícil nos meios tradicionais.

Desta maneira, também se encontra espaço para a construção de identidades que não são normalmente disseminadas pelos meios de comunicação profissionais. Através de sites como Viva Favela e Índios Online, os jornalistas cidadãos estão escrevendo e mostrando, a partir de conteúdos multimídias, o que são (ou representam) e o que desejam da sociedade. As vozes estão se multiplicando, outros semelhantes têm ouvido e se somando as comunidades.

Assim, a contribuição mais significativa no caso deste estudo, é como o jornalismo cidadão, possibilita a visibilidade da expressão não apenas de uma identidade coletiva, mas de identidades distintas e plurais dessas comunidades. No caso de Índios Online mostrando a diversidade que marca as diferenças entre as etnias no que concerne a elementos ligados à sua cultura de origem, tais como: crenças, alimentação, ideário de trabalho, higiene, muitas vezes dialetos e formas de comunicação tradicionais. No caso de Viva Favela, é importante retomar a desmistificação do espaço da comunidade como determinante identitário da população que vive e trabalha nesses ambientes. Trata-se de um universo, provisório ou não, que resguarda muitas outras identidades em seu espaço, sejam elas permanentes ou transitórias, e cujas expressões estão apontadas nos tipos de conteúdos publicados nos sites.

Nesse sentido, as utilizações das TICs, em particular através da manutenção dos portais, nos dois casos se constituem como ferramentas de extrema importância para a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

ruptura de processos discriminatórios que fragilizam a vivência democrática em nossa sociedade.

De toda a reflexão exposta não há dúvida que, independente de ser considerado ou não um tipo de jornalismo, tal forma de organização e manifestação cidadã pode trazer resultados positivos importantes para democracia. É potencialmente um canal de comunicação relevante entre cidadãos, meios e governo que deve ser mais bem explorado e desenvolvido.

### Referencia Bibliográfica

AGUINAGA, E. Esencia del Periodismo: la Periodificación. Universidade Complutense de Madrid, 1988. In: SOUSA, Jorge Pedro. *As Notícias*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1994.

BOWMAN, S. e WILLIS, C. 2003. *We media: How audiences are shaping the future of news and information*. The Media Center at the American Press Institute, 66 p. Acessado em: 18/05/2006, disponível em:  
[www.hypergene.net/wemedia/download/we\\_media.pdf](http://www.hypergene.net/wemedia/download/we_media.pdf)

BRIGGS, A. & BURKE, P. *Uma História Social da Mídia – de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BRUM, Mario Sergio. *A construção da identidade de favelado a partir de suas relações com o Estado*. Klepsidra Revista Virtual de História, 2004.  
<http://www.klepsidra.net/klepsidra19/favelado.htm>

BRUNS, Axel. *Blogs, wikipedia, second life, and beyond: from production to produsage*. New York: Lang Publishing, 2008.

DEUZE, M.; BRUNS, A. & NEUBERGER, C (2007). *Preparing for an Age of Participatory News*. Journalism Practice. 1(3), p. 322-338.  
<http://eprints.qut.edu.au/9785/1/9785.pdf>

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FRANCO, Guillermo (relator). *El impacto de las tecnologías digitales en el periodismo en la democracia de la América Latina y en el Caribe*. Centro Knight para el periodismo en las Américas de la Universidad de Texas. Open Society Fundacion. Austin, Texas. Septiembre 10-12 de 2009. P.18.

FRIEDLAND, L; A. *Public Journalism: Past and Future*. Dayton, OH: Kettering Foundation Press, 2003.

GILMOR, D. *We the Media: Grassroots Journalism by the People, for the People*. New York :O'Reilly, 2006.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

GILMOR, D. *Who's a journalist? Does that matter?* (2010)

[http://www.salon.com/technology/dan\\_gillmor/2010/08/26/who\\_is\\_a\\_journalist/index.html](http://www.salon.com/technology/dan_gillmor/2010/08/26/who_is_a_journalist/index.html) (acesso 13.09.2010)

GOMES, W. Apontamentos sobre esfera pública política. P.56-59. In: MAIA, R. C. M.; CASTRO, M. C. P. E. (Ed.). *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

GOMES, W. Participação política online: Questões e hipóteses de trabalho. In: GOMES, W.; MAIA, R. C. M.; MARQUES, F. P. J. (Orgs.). *Participação Política na Internet*, 2010. No Prelo.

GLASER, M. *Your Guide to Citizen Journalism*. Mediashift, 2006

<http://www.pbs.org/mediashift/2006/09/your-guide-to-citizen-journalism270.html> (acesso 03.06.2010)

GORDON, J. *The Mobile Phone and the Public Sphere: Mobile Phone Usage in Three Critical Situations*. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies* August 2007, 13: 307-319.

JARVIS, J. *Networked journalism*. 2006

[www.buzzmachine.com/2006/07/05/networked-journalism](http://www.buzzmachine.com/2006/07/05/networked-journalism)

LACY, S.; DUFFY, M.; RIFFE, D.; THORSON, E.; FLEMING, K. *Citizen Journalism Web Sites Complement Newspapers*. - *Newspaper Research Journal* • Vol. 31, No. 2 • Spring 2010.

LEAL, Bruno. *A comunidade como projeto identitário*. IN: MAIA, Rousiley e CASTRO, Maria Ceres Pimenta Spínola. *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. UFMG. Belo Horizonte, 2006.

MAIA, R. C. M.; CASTRO, M. C. P. E. (Ed.). *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MAIA, Rousiley; GOMES, Wilson. *Comunicação e Democracia: problemas e perspectivas*. São Paulo. Paullus, 2008.

MELUCCI, A., 1995. The process of collective identity. In: Johnston, H., Klandermans, B. (Eds.), *Social Movements and Culture*. University of Minnesota Press, Minneapolis, MN.

NGUYEN, An. *Journalism in the wake of participatory publishing*. *Australian Journalism Review*. 28(1): 143-155, 2006

NIP, J. *Exploring the Second Phase of Public Journalism*. *Journalism Studies*. Volume 7, Pages 212 – 236. Electronic version of an article published in *Journalism*. P. 10-15, 2006 [http://www.hkbu.edu.hk/~jour/documents/joyce/Exp\\_2th\\_Public\\_J.pdf](http://www.hkbu.edu.hk/~jour/documents/joyce/Exp_2th_Public_J.pdf)

ROSEN, J. *Making Things More Public: On Political Responsibility of the Media Intellectual*. *Critical Studies in Mass Communication*, 11, 352-388, 1994.

ROSEN, Jay. *Public Journalism as a Democratic Art*. *Public Journalism Theory and Practice -- Lessons from Experience*, Dayton, OH: Kettering Foundation: 3-24, 1997.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

ROSMAN, D. *Despite not being paid, citizen journalists are still professionals.*

Missouri Online. Columbia, November 10, 2010 .

<http://www.columbiainmissourian.com/stories/2010/11/10/david-rosman-citizen-journalists-are-also-professional-journalists/>

RUUSUNOK, L. *Public journalism and public sphere.* Conference paper for Public Sphere(s) and their boundaries. University of Tampere Journalism Research and Development Centre, 2006. <http://www.uta.fi/laitokset/tacs/papers0506/ruusunoksa.pdf>

SOUZA LEAL, B. *A comunidade como projeto identitário.* P.183-192. In: MAIA, R. C. M.; CASTRO, M. C. P. E. (Ed.). *Mídia, esfera pública e identidades coletivas.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

TUMBER, Howard (2001). *Democracy in the information age: The role of the Fourth State in cyberspace.* In: Webster, Frank (ed.). *Culture and politics in the information age: A new politics?* Londres: Routledge, p. 17-31.